

Editorial

Em 2023, a cidade de San Juan, em Porto Rico, acolheu nossa comunidade analítica Interamericana da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano para o V Simpósio Interamericano da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL), cujo tema foi “Segregação e singularidade”. Em um pequeno texto preparatório para aquele encontro, Antonio Quinet nos lembrou que “o inconsciente, enquanto discurso do mestre, produz a alienação significativa com as identidades culturais, o supremacismo de umas sobre as outras e a segregação estrutural dessa sociedade”. Em outra dessas apresentações, Maria de los Angeles Gómez perguntou: “Qual seria o lugar do ódio como motor para a exacerbação do racismo na época em que vivemos?”.

Durante esse simpósio, foram debatidos temas como segregação e laço social, identidade, segregação e paradoxos, clínica da segregação e singularidade, entre outros. Foi possível atualizar as discussões, a partir da psicanálise, sobre questões urgentes em nossa época, tais como os efeitos do colonialismo, dos racismos, da identidade e gênero etc. A revista *Stylus* 46 tem o privilégio de publicar alguns dos trabalhos apresentados em Porto Rico e acolher outros que revelam psicanalistas comprometidos com a questão da segregação, que Lacan aponta como o problema crucial de nossa época.

Este número traz uma conferência do colega da EPFCL-França Sidi Askofaré, cujo título, “Psicanálise *OU* racismo”, já aponta para a incompatibilidade entre a psicanálise e o racismo, destacando a importância de essa contribuir para a luta contra o racismo em todas as suas formas. Askofaré enfatiza que a psicanálise se baseia na diferença e na linguagem, opondo-se fundamentalmente ao racismo.

Ainda em relação ao racismo, Fernanda Soares Pereira de Carvalho Silva e João Leite Ferreira Neto, no texto “A segregação pela singularidade: um olhar psicanalítico sobre o conceito fanoniano de zona do ‘não-ser’”, debatem o movimento de autolibertação do sujeito negro em meio ao contexto colonial, desvelando conceitos como raça ou colonização a partir de um viés psicanalítico.

No texto “Vou aprender a ler o inconsciente para ensinar meus camaradas: por que uma Comissão de Relações Étnico-raciais, Diversidade e Equidade em nossa Federação”, Elisa Cunha e colaboradoras, que são membros dessa comissão, ressaltam que a discussão sobre a criação da comissão e seus objetivos reflete a busca por uma psicanálise mais inclusiva e atenta às questões étnico-raciais em um contexto em que o racismo estrutural é uma realidade persistente. As autoras destacam a responsabilidade da comunidade analítica em enfrentar essas questões e promover uma psicanálise mais acessível e diversificada.

É para essa direção que aponta o texto de Bruno Tarpani e colaboradores, “‘O dia não amanhecia’: uma cartografia do (eu) morro”, que traz o trabalho realizado por um grupo de psicanalistas na comunidade Vila do Sahy, localizada em São Sebastião, litoral norte paulista, território com o maior número de mortes no estado de São Paulo em decorrência das chuvas no início de 2023. O projeto Trançar com Comunidades Beiradeiras interroga-se sobre o que pode a psicanálise em circunstâncias de desastres ambientais, articulando sobretudo a noção de trauma e outros conceitos que tensionam os modos de se pensar a intervenção psicanalítica.

Richard Couto, por sua vez, no texto “Psicanálise, segregação e questão dos povos originários brasileiros”, sustenta a hipótese de que se operou e ainda se opera uma segregação dos referidos povos. Por meio da noção de fraternidade, propomos uma aposta no discurso do psicanalista para questionar tal segregação.

Nessa mesma direção, Clarice Medeiros, em “Segregação: tu és aquele que...”, encontra nas noções de fraternidade, identificação, narcisismo, discurso e gozo pontos fundamentais, que geram efeitos segregacionistas, para a compreensão da relação do sujeito com o outro.

Em seu trabalho “Entender a guerra para promover a paz: o inimigo em comum, o poder e a violência como meio e fim nos dias de hoje e nos dias de sempre”, Ana Cristina Sampaio retoma a correspondência entre Freud e Einstein sobre a guerra e propõe um debate sobre os meandros do poder e da violência das guerras como resposta de alguns à pulsão de morte que habita em todos nós.

Joyce Laudino Dinoá, em “A reabilitação e os efeitos da ciência e do capitalismo”, parte da distinção do corpo para a medicina e do corpo conforme a psicanálise aborda, buscando evidenciar que visão e olhar não são sinônimos, e que não há relação de dependência entre ver e conhecer. Discute, então, sobre o ideal de normalidade, que, como efeito do saber científico, produz ideias capacitistas.

No texto “Por que eu não posso ser assim?”, Maria Cláudia Formigoni pergunta o que pode um analista diante da subversão sem precedentes responsável pelo apagamento das singularidades, que também afeta as infâncias, tomando como ponto de partida a discussão sobre o que é uma criança para a psicanálise e suas consequências clínicas e políticas.

Alguns de nossos autores trazem em seus textos uma articulação entre o tema da segregação e a literatura e o cinema. Natalia Sena, em “‘Todos em farrapos’: o circuito sintomático produzido pela segregação social na modernidade”, propõe pensar, a partir do poema “Olhos dos pobres”, de Baudelaire, como as cidades modernas, produzidas por grandes reformas, e seu consequente efeito de segregação social impactam os processos de subjetivação.

Francina Evaristo de Sousa, em “A herança de Ponciá”, tem a intenção de extrair algo de valor psicanalítico a partir dessa obra-prima de criação literária da escritora mineira Conceição Evaristo.

Leonardo Lopes, no texto “Desejo de analista e travessia da miséria”, parte da produção cinematográfica de Agnès Varda, *Os catadores e eu*, de 2000, para articular que o desejo de analista opera a partir de uma travessia da miséria, propondo que é dos restos, dos pedaços e dos fragmentos que se podem extrair os recursos para a manutenção do ensino e da transmissão da psicanálise.

Pricila Pesqueira de Souza, na resenha do livro de Andréa Brunetto *O diabo e suas máscaras: a tríade infernal do desejo*, destaca que a autora se propõe responder às seguintes perguntas: Qual é o paradoxo do desejo? Por que o desejo sempre foi relacionado com o demoníaco? A que serviu e serve a figura do diabo aos sujeitos?

E Guilherme Franzon Berti resenha o livro *Aurora: memórias e delírios de uma mulher da vida*, de Silvana Jeha e Joel Birman, que resgata a vida e a obra de Aurora Cursino dos Santos, prostituta entre 1910 e 1930 no Rio de Janeiro e em São Paulo, internada no Hospital Psiquiátrico do Juquery e participante da oficina de pintura criada por Osório César e Mário Yahn.

Em um trabalho crítico com os conceitos, Fábio Luís Ferreira Nóbrega Franco, em “Segregação, ideologia e gozo, entre Lacan e Althusser”, desenvolve um estudo do conceito de ideologia e seu destino na psicanálise lacaniana a partir da exploração das relações entre a noção de segregação, em Jacques Lacan, e a teoria da ideologia, de Louis Althusser.

O texto de Raul Pacheco, “O psicanalista, o capitalismo e a segregação na estrutura, na história e no ordenamento discursivo dos gozos”, propõe que o aprofundamento das questões relacionadas com o assunto da segregação discursiva não pode ser feito sem se considerar criticamente o discurso capitalista. E analisa a nostalgia do pai-amor da ultradireita contemporânea, com seu clamor segregacionista, como uma articulação com o representante do S1 do discurso capitalista.

Alexandre Bertoncini, no texto “O primeiro não se nomeia – considerações sobre a intervenção de François Recanati no *Seminário, livro 20*, de Jacques Lacan”, trabalha os conceitos de predicação, nomeação, revestimento, esmagamento, entre outros, em consonância com a álgebra lacaniana.

Beatriz Oliveira, em “‘Uns discretos fazem colégio’, ou: qual laço é possível ao final de uma análise?”, propõe pensar outra lógica coletiva que não se estabelecesse por um conjunto que se fundaria por sua exceção, mas a partir de um enodamento paradoxal, tal como propõe Milner. Nesse sentido, o modo singular de gozo de cada falasser poderia fazer diferença nesse tipo de laço, introduzindo esse traço “discreto” na fraternidade?

Maria Celia Delgado e Sheila Skitnevsky Finger, em “O que pode a psicanálise diante das marcas da segregação? Da lógica de grupo à lógica möebiana”, apontam que as propostas de Lacan para uma Escola de psicanálise podem proporcionar uma nova lógica, pensada como de continuidade möebiana, que dê lugar à

singularidade. Medidas afirmativas são propostas como forma de dar voz à diversidade e abrir espaço para aqueles que se sentem excluídos ou segregados, enfatizando que, em uma Escola que se destina a abrigar processos de (de)formação dos analistas, o desejo de inclusão e acolhimento deve encontrar sempre um lugar.

Desejo a todos, todes e não todas uma boa leitura!

Rio de Janeiro, junho de 2023

Ana Laura Prates